

Orientando: Yan Leonardo Assoni

Orientador: Dr. Emerson Fernando Rasera

Now Sissy That Walk: Afirmações e resistências de ser gay e afeminado¹

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia

2022

¹. A expressão Sissy That Walk é um slogan utilizado pela apresentadora RuPaul em seu reality show. Em tradução livre para o português “Afemine seu andar” ou “ande de forma mais feminina”.

Resumo

Na sociedade contemporânea ocidental, as delimitações entre masculino e feminino estão sendo questionadas, dando espaço para novas formas de ser. Assim, o objetivo desse estudo é entender as construções de sentido sobre o gay afeminado. Ele se baseou em uma metodologia qualitativa, usando entrevistas semiabertas com cinco gays que se autodeclararam afeminados. O material transcrito foi analisado com base nos estudos construcionistas sociais. A partir da análise das entrevistas, foram identificadas quatro construções de sentido marcantes sobre o sujeito gay e afeminado, quais sejam: a) afirmações da feminilidade; b) família e gays afeminados; c) gays afeminados e a solidão; e d) discriminação e resistências. Os resultados mostraram como esses sujeitos se constituem como gays afeminados enfatizando seus aspectos identitários e relacionamentos familiares e afetivo-sexuais. Os processos de construção das masculinidades femininas são marcados por movimentos de afirmação, bem como, resistências, controles e discriminação.

Palavras chave: LGBTQ, masculinidade feminina, identidade

Abstract

In the contemporary western society, the boundaries between masculine and feminine are being questioned, making room to news ways of being. Thus, this study's goals is to understand the constructions of meaning about being gay and effeminate. It was based on a qualitative methodology, using semi-structured interviews with five gays that self-declared effeminate. The transcribed material was analyzed based on constructionism studies. From the analysis of the interviews, four memorable constructions of meaning about being gay and effeminate were identified, being them: a) affirmations of femininity; b) family and effeminate gays; c) loneliness and effeminate gays; and d) discrimination and resistences. The results show how these subjects are embodied as effeminate gays, emphasizing their identity aspects and their family and sexual–affective relationships. The construction processes of the feminine masculinity are marked for afirmations movements, as well as resistences, control and discrimination.

Key Words: LGBTQ, female masculinity, identity

As questões identitárias sempre foram discutidas durante a história da humanidade, seja na filosofia, na psicologia ou na antropologia, sobretudo a questão de quem somos (Lopez & Protasio, 2014). Na atualidade, nas sociedades ocidentais, vêm surgindo novos jeitos de responder a essa pergunta, envolvendo identidades relativas ao gênero e à sexualidade que não são mais definidas apenas pelo binarismo do masculino ou feminino.

A sexualidade humana na neomodernidade, segundo Wiik (2012), é vivida em sua multiplicidade, particularmente devido a sua grande complexidade e variedade de formas de expressão. Nesse sentido, as fronteiras entre o masculino e feminino vêm sendo borradas, possibilitando novas formas de experimentar essa gama de vivências. Surgem, então, os gêneros fluidos, os não-binários, as *drag queens* e alternativas às masculinidades normativas, como o gay afeminado.

De Moura, Nascimento e Barros (2017) conceituam o gay afeminado como aquele que se encontra dentro dos padrões de feminilidade (em contraponto a uma identidade masculina hegemônica), a quem comumente são atribuídas características associadas à condição de ser mulher, como a delicadeza, a gentileza e a compaixão. Reis e Paraíso (2014) acrescentam questões estéticas como a roupa, o corte de cabelo ou o tom de voz, pontuando que todo corpo que não condiz com os padrões culturais é um corpo anormal. Souza e Pereira (2013) apontam ainda que na sociedade há uma rejeição ao que é feminino, sobretudo se a feminilidade expressada for em um homem. Notamos, assim, uma cultura que relega certas características ao feminino, ao mesmo tempo em que as desqualifica e as desconsidera, marginalizando aqueles/as que as possuem.

A possibilidade de existência do gay afeminado é questionada pela heteronormatividade vigente, ou seja, por uma expectativa de que todos/as sejam heterossexuais, que os comportamentos sexuais envolvam as pessoas do sexo oposto e que as expressões de gênero correspondam ao sexo biológico. Essa expectativa se afirma como norma e passa a ser entendida como um “conjunto de práticas, discursos, valores e crenças que são instituídas e vivenciadas como a única possibilidade legítima de expressão da sexualidade e gênero” (Saraiva, Santos & Pereira, 2019, p. 115.). Esse processo de normatização também é encontrado no interior da comunidade gay. Trata-se de um conjunto de práticas que elege uma determinada forma de ser gay, como o jeito mais “aceitável”, que mimetiza padrões da masculinidade heterossexual, afirma a importância da discrição e contesta qualquer possibilidade de expressões femininas, seja socialmente ou em relações afetivo-sexuais.

Contudo, Souza e Pereira (2013) e Pochay (2007) colocam em xeque as questões da normatividade, ao explicitarem que os sujeitos deixados à margem da sociedade são também

absolutamente necessários ao funcionamento e a manutenção dela, no sentido que para haver uma norma é preciso ter uma não-norma, algo que esteja fora dela, que seja o anormal. Fortalece-se, assim, a lógica do binarismo (de corpo e de gênero), em que sempre existirá um polo que será desviante e desigual. Dentro dessa mesma lógica, é impossível concebermos sexualidades e gêneros múltiplos.

Por isso, a importância das novas identidades, principalmente aquelas alternativas às masculinidades hegemônicas. Nesse sentido, as masculinidades femininas surgem como uma forma de resistir à revelia de qualquer predeterminação, na qual Pochay (2007) aponta que ao dizermos que somos “bichas”, “veados”, “*queers*”, estamos diante da possibilidade de produzir novos significados de nossas vidas, de nos tornarmos sujeitos, ao invés de sermos interpelados como abjetos.

Essas resistências se apresentam não somente para as normas do gênero em geral, como também para a violência que se utiliza desse discurso normativo para agredir, seja fisicamente ou psicologicamente. De Moura, Nascimento e Barros (2017) expõem que ao ir contra as normas do gênero os homossexuais se tornam uma ameaça. Nesse sentido, a homofobia seria qualquer situação de violência, preconceito ou discriminação contra aqueles que não se encaixam nos padrões hegemônicos e heteronormativos, ditados pelas normas sociais.

Para além da violência mais explícita, há aquela que é velada e que afeta cotidianamente: as microagressões. Da Silva e Powell (2016) e Silva (2019) as definem como formas sutis de agredir, seja verbalmente, comportamentalmente ou ambientalmente, dirigidas para sujeitos com base em raça, gênero, etnia, classe social, dialeto ou religião. Para os autores, o prefixo “micro” diz de uma agressão a nível individual ou local, em ocasiões restritas, sendo o contrário da falsa impressão de que é algo pequeno ou que não acarretaria em maiores consequências para aqueles agredidos.

As microagressões são os olhares tortos, os abanos de cabeça, os sons de desgosto que saem pela boca, são os não convites e as falas condescendentes. É tudo aquilo que um LGBT (lésbica, gay, bissexual e travesti/transsexual) enfrenta diariamente, quanto mais longe da norma, maior o estigma e maior será a agressão ou a continuidade dela. Souza e Pereira (2013) apontam que quanto maior a feminilidade expressa no corpo de um gay afeminado, maior será o preconceito que ele enfrentará.

Trazer as masculinidades femininas para o centro das discussões é mostrar como são as afirmações e resistências identitárias envolvidas nesse movimento, é produzir reflexões diretas sobre as formas de viver o gênero e suas diversas identidades na contemporaneidade. Dito isso, a produção científica sobre esse assunto possibilita uma nova perspectiva sobre as

masculinidades e feminilidades na atualidade, contribuindo sobre a temática, permitindo maior acesso à comunidade acadêmica e à sociedade em geral.

Além disso, o estudo ganha relevância social na medida em que propicia aos psicólogos, bem como aos profissionais da área da saúde e das ciências sociais, desenvolver e promover novas intervenções para a população LGBT. Especificamente, a produção acadêmica sobre esse tema tem sua importância na medida em que possibilita pensar sobre as vivências dos sujeitos afeminados, refletindo sobre situações de violência e opressão, assim como desmistificando preconceitos e estigmas.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar as construções de sentido sobre o sujeito gay e afeminado em entrevistas com essa população. Especificamente, buscamos: 1) entender o processo de afirmação pessoal das masculinidades femininas; 2) compreender a construção da feminilidade gay na família e nos relacionamentos afetivo-sexuais; e 3) discutir os processos de discriminação e resistência vividos por gays afeminados.

Metodologia

Pautada em uma perspectiva qualitativa de pesquisa, a construção das informações foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas de forma online, através da plataforma *google meets*. A entrevista semiestruturada, conforme Boni e Quaresma (2005), pode ser definida pela maior possibilidade que os participantes têm de discorrer sobre os temas, que são introduzidos com perguntas abertas e fechadas de forma combinada. Apesar das perguntas previamente elaboradas, o contexto da entrevista segue como o de uma conversa informal em que, caso seja necessário, o entrevistador pode interromper ou fazer perguntas adicionais. Para os autores, a entrevista semiestruturada oferece como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos e o favorecimento de respostas espontâneas. Partindo disso, as entrevistas se apresentam como uma possibilidade de entender as masculinidades femininas não por uma ótica objetivistas, mas através dos olhos daqueles que a vivem.

Assim, tendo em vista o objetivo da pesquisa, foram realizadas cinco entrevistas áudio gravadas com participantes diferentes, com duração média de uma hora e meia. O número de entrevistas foi condicionado ao curto tempo de duração da pesquisa, e ao modo aprofundado e detalhista de uma análise qualitativa. As entrevistas foram áudio-gravadas, com autorização prévia dos participantes e levando em conta as considerações éticas. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição no qual a investigação foi realizada.

Em relação aos participantes, todos eram maiores de 18 anos, definiram-se como homens, homossexuais e afeminados. Em geral, os participantes tinham entre 20 e 24 anos, todos cursando ensino superior, de classe social média, sendo autodeclarados brancos e negros (Tabela 1). Todos aceitaram participar do estudo mediante a assinatura do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE). Ademais, os participantes foram contatados a partir da rede de contatos do pesquisador.

Tabela 1 – Características dos participantes da pesquisa

	Idade	Escolaridade	Ocupação	Clas. Soc	Etnia-raça
Artur	23	superior incompleto	estudante	média	negro
Beto	24	superior incompleto	estudante	média	branco
Carlos	20	superior incompleto	estudante	média	branco
Diego	24	superior incompleto	professor de dança	média	negro
Eros	20	superior incompleto	atendente de telemarketing	média	negro

A análise das informações se baseou em uma perspectiva construcionista social de análise das práticas discursivas. Rosa, Tureta e Benedicto (2006) apontam que as práticas discursivas podem ser consideradas o ponto principal de análise na abordagem construcionista, resultando em ações, seleções e escolhas de produções sociais que fornecem direcionamentos valiosos para a compreensão da produção de sentidos no cotidiano. A análise busca então compreender essa produção de sentidos, considerando o universo de significações e inserindo o elemento interpretativo, porém, não se limitando a ele, uma vez que procura lidar com seus limites sem ditar uma verdade universal (Rosa, Tureta e Benedicto, 2006). Para isso, as entrevistas áudio-gravadas foram transcritas, lidas e relidas, de forma atenta, buscando reconhecer o universo de significações dos participantes, para então identificar suas construções de sentido.

Resultados e Discussão

A partir da análise das entrevistas, foram identificadas quatro construções de sentido marcantes sobre o sujeito gay e afeminado, quais sejam: a) afirmações da feminilidade; b) família e gays afeminados; c) gays afeminados e a solidão; e d) discriminação e resistências. A seguir serão definidas, ilustradas e discutidas cada uma dessas construções de sentido.

Afirmações da feminilidade

Uma das questões levantadas foi sobre a identificação como gay e afeminado. Segundo Ferreira e Ferreira (2015), é disseminado socialmente que performances de gênero que não estejam alinhadas às expectativas geradas pelo sexo biológico, estarão erradas e devem ser combatidas. Assim, buscamos compreender como as pessoas entrevistadas, enquanto gays e afeminados, se afirmam no mundo, mesmo em meio a concepções como esta.

É interessante pensar como todos os entrevistados trouxeram essa feminilidade na infância, de maneira natural, entre o brincar e o descobrir-se, formas de se colocar no mundo. Eros fala que “quando criança, era muito bicha afeminada (...) colocava coisas nas unhas pra fingir que eram grandes, usava salto e maquiagem (...) era sem restrição.” Já Carlos traz que brincava de desfilas e que era “uma criança bicha”. Beto comenta que “eu devia ter menos de 5 anos (...) sempre fui muito afeminado.” Outro entrevistado, Diego, diz “sempre gostei de assistir Eliana, comprar revistas femininas, tinha ídolos femininos, então já estava enraizado desde criança”. Enquanto isso parece ser permitido à criança, mesmo que de forma regrada, com comentários do tipo “isso é coisa de menino”, “isso é coisa de menina”, à medida em que esses sujeitos crescem, essa liberdade parece cada vez menor, sendo empurrados a se encaixarem na norma, como Eros diz “na adolescência tentaram me podar, falando que já era grande demais para isso.”

Artur, ao ser indagado sobre como descreve as suas expressões de feminilidade, já na juventude, comenta o seguinte: “Eu acho que minha voz é bem fina (risos), o jeito delicado, como seguro o copo por exemplo, pegar o guardanapo. O jeito de conversar, é meio que um combo, tem o jeito de dançar, o gingado que solta o quadril.”. Sobre essa expressão da feminilidade, Eros diz que para ele aparece “Pela forma como eu me apresento, esteticamente mesmo. Elementos que eu gosto e mantenho, as pessoas atribuem ao feminino. Mas quando eu chego todo mundo já vê a unha da gata (risos), além dos trejeitos. Às vezes uso saia, salto, maquiagem, depende.” Para Bento, essa expressão vem por meio da arte, ao dizer que “Hoje em dia eu me acho linda, gosto bastante, meu plano é virar uma maravilhosa drag queen.”.

Tendo em vista esses trechos, é relevante pensarmos como a feminilidade enquanto forma de se expressar e de se afirmar no mundo remonta desde a infância, mas também como

ela se caracteriza, se desfaz e refaz durante a adolescência e vida adulta. Assim, é possível perceber como algumas coisas se mantêm, um jeito de gesticular, um gosto por maquiagem, os ídolos femininos, mas como algumas coisas mudam e aparecem de um jeito diferente, as vezes as roupas, o cabelo, a voz ou os traços de personalidade.

É pertinente notar, até mesmo pelas falas dos entrevistados, que culturalmente determinados aspectos são destinados ao feminino, como o tipo de vestimentas, o uso de maquiagem, o jeito de se portar verbal e comportamentalmente. Ao discutirmos as afirmações identitárias das masculinidades femininas estamos refletindo sobre formas de se vivenciar o gênero e suas identidades. Essa visão do feminino, é muito carregada por marcadores sociais que atribuem certas características como sendo exclusivas (ou emprestadas) de um gênero específico. Nesse sentido, é uma visão bastante tradicional e parece ser compartilhada pelos entrevistados, quando eles trazem essas questões estéticas e comportamentais, como falar gesticulando ou andar rebolando e já associam diretamente com a feminilidade. É uma visão tão enraizada que quando questionados nas entrevistas sobre o porquê eles se consideram afeminados, nenhum entrevistado trouxe questões para além dessas físicas (os comportamentos e a estética) e sociais (como são interpelados pelo mundo).

Família e Gays Afeminados

Os entrevistados trouxeram em suas falas vários aspectos familiares, sobretudo questões relativas as suas experiências enquanto afeminados. Essas experiências com suas famílias, foram no sentido de controle - tanto de forma leve, moderada ou intensa - ou de incentivo.

Diego comenta que foi “criado por mulheres, por minha mãe, minha avó e duas tias, meu pai me abandonou quando era bebê”. Em suas falas, Diego traz, diversas vezes, como ter sido criado por essas mulheres fez com que tivesse um ambiente receptivo, em que se sentia aceito, no qual ele podia se expressar da forma que desejasse naturalmente, como nesse trecho em que Diego conta que “minha família nunca contestou sobre, sempre fui muito aberto a isso” e que quando criança “queria revistas (femininas) e minha família me deixava comprar.”

Eros traz que durante o final da sua infância e começo da adolescência a sua mãe “era muito religiosa e teve um episódio quando ela ainda era casada com um homem muito abusivo. Quando ela se separou, ela voltou a fazer coisas que gostava... então acho que talvez eu tenha percebido esse olhar negativo.” Durante esse período em que estava casada e era religiosa, Eros conta que “tinha medo de envergonhar minha mãe (...), medo de decepcionar” e que aprendeu que “isso (ser gay e afeminado) é pecado”. Em contraste, sua avó parecia dar toda liberdade para suas experiências enquanto sujeito afeminado, desde criança em que Eros atribui “minha

avó fala que tudo era festa (...) fingia que tinha unhas grandes e com trejeitos atribuídos as mulheres”.

Carlos diz que “tinha um ambiente familiar extremamente hostil em relação à homossexualidade” e isso persistiu por boa parte de sua vida, até o período da faculdade. Durante esse tempo, Carlos conta que “meu pai tentava forçar uma masculinidade em mim de todas maneiras”, o que fez com que passasse inclusive por um processo muito parecido com terapia de conversão sexual. Enquanto que para Carlos quem parece fazer esse controle do gênero é seu pai, para Bento quem tomou esse papel foi seu tio “meu tio me chamava de boiola. Sempre fui muito afeminado e atacado por esse tio”.

Soliva e Junior (2014) colocam que as relações domésticas revelam estruturas de poder que concebem uma força em direção à heterossexualização e, portanto, à heteronormatividade. Ainda segundo os autores, essa força “faz com que comportamentos considerados não conformados às expectativas familiares acerca da sexualidade e do gênero sejam controlados pelos familiares visando à reintegração desses jovens à norma sexual dominante”(Soliva & Junior, 2014, p. 126). Nesse sentido, quanto mais longe da norma, mais forte são esses esforços. Contudo, entre os entrevistados, essa situação com a família é mais complexa, envolvendo controle e apoio.

Crescendo como gays que aparentam uma feminilidade, ou seja, que estão fora da norma, Carlos e Bento parecem passar o tempo inteiro por tentativas de serem podados, impedidos de serem “anormais”, sendo a família o primeiro lugar de controle dessas expressões de gênero. Enquanto que para Eros e Diego, isso é de alguma forma aceito e incentivado. Parece que as mulheres (sejam mães, tias ou avós) podem ocupar diferentes lugares em relação às expressões femininas, indo do controle ao incentivo, enquanto os homens (pais e tios) tendem a combater tais manifestações.

Podemos, então, perceber os diversos (des)encontros das famílias e das masculinidades femininas, a forma com que esses fenômenos se entrelaçam ou se afastam. Desde a reverência (ou irreverência) do feminino e do masculino, ao controle do gênero ou ainda a liberdade (e incentivo) de explorar essa área.

Gays Afeminados e a Solidão

Um dos temas recorrentes durante as entrevistas foi o dos relacionamentos afetivo-sexuais e de como a feminilidade os influencia, muitas vezes como algo a ser evitado ou fetichizado, gerando fortes expectativas de solidão por parte dos entrevistados.

Carlos diz que “nas festas eu recebia olhar torto e não beijava ninguém. Isso é punição” e que “ao ficar com uma pessoa, ela comentou que “não iria rolar nada sério”. Eros passou por uma situação muito semelhante “eu conheci uma pessoa, a gente ficou, porém quando voltei pra casa, a pessoa me falou que eu sou mais afeminado do que imaginava. Talvez por isso eu tenha esse medo de ficar sozinho.” Carlos, diz que tem “crenças de que vai ficar sozinho e infeliz” e Eros, falando sobre isso diz que tem “medo de ficar sozinho, porque a comunidade gay é muito preconceituosa com quem é feminino. Então é um medo de não ser bem visto por outro homem e não sentir atração por mim.” Diego traz esse tópico ao dizer que “os meninos não chegavam em mim e comecei a me questionar o motivo, aí entendi que era porque eu tinha esses pontos femininos” e que “comecei a ficar um pouco mais padrão para conseguir crushes”.

É notável como a heteronormatividade aparece em todas as relações, inclusive nas homoafetivas, dando um aspecto impositivo sobre quem é mais “adequado” para um relacionamento e quem não o é. Nesse aspecto, segundo Souza e Pereira (2013), a norma define que o masculino é superior e deve estar acima do feminino, novamente colocando aqueles cujo caráter se diz afeminado como “anormais” e, portanto, não dignos de afeto, ou ainda apenas como objetos de satisfação sexual.

O preconceito e a violência, hierarquizados e normalizados por um sistema extremamente heteronormativo, com uma lógica deturpada de binarismo, distorce a imagem que violenta e agride gays afeminados, transformando-a apenas em uma questão de escolha e de interesses, uma busca por “iguais” (Saraiva, Santos & Pereira, 2019). Ainda segundo os autores, esses discursos “podem ser vistos como forma de legitimação entre corpos aceitos e corpos que são rejeitados/deslegitimados dentro de um padrão hegemônico de beleza”. Assim, cabe a esses corpos rejeitados e negados, apenas a solidão, o medo de ficarem sozinhos, de ficarem a margem do afeto.

Em suma, a normatividade dita que aqueles mais masculinos e que performam seu gênero dentro da norma, são mais aceitos e, portanto, dignos de afetos. Aqueles que estão fora dessa norma trazem diversas situações em que se sentiram inferiorizados e não dignos de serem amados, com medo de ficarem sozinhos.

Discriminação e Resistências

Investigamos as discriminações sofridas pelos entrevistados, como a sociedade reage a essa feminilidade quando ela é expressada, quando esses sujeitos se afirmam no mundo, de modo a compreender de que forma eles resistem aos preconceitos e agressões sofridas.

Diego traz que “Meu jeito de andar já fazia as pessoas olharem de jeito estranho. Se ando na rua com uma vestimenta x, ouço piada e pensam que sou viado. A sociedade não vê como normativo, mas como alvo. Alguns amigos falam sobre voz fina ou outras características mais específicas e é mais que isso, eles não sofrem só por andar. No final é isso, as pessoas olham pra você e já te denominam como viado, é mais fácil.”. Ainda, o mesmo entrevistado, ao ser questionado como os outros reagiram a sua feminilidade, diz que “A rua não reage bem, tem bairros específicos que não gosto de ir, porque sei que serei alvo de ofensas.”. Já Bento, em relação à feminilidade, conta que “Porque tem aquele pensamento de poder ser gay escondido, mas afeminado não dá. Não é fácil e nunca vai ser, porque ser afeminado nos coloca numa linha de ameaça a todo momento (...)”.

Frente a essas situações, os entrevistados mostram diferentes estratégias de resistência, com casos de medo, indiferença, bloqueio. Diego aponta que “Hoje, eu lido muito bem com a parte sutil, um olharzinho. Com as mais pesadas, vem o medo, não tem como.”. Já Carlos, por outro lado, diz que “Ah acho que criei uma certa indiferença. E fico cada vez mais gay (risos). Não tento evitar.”. Por outro lado, Eros diz que “Pra preservar minha saúde mental, eu bloqueio isso. Penso se tô fugindo da luta, mas entendo que não é o meu papel. Eu não tento evitar porque é impossível, tão cotidiano. Se alguém quiser evitar, não vai nem sair de casa, dependendo da pessoa, nem em casa”. Para além disso, a resistência se mostra para consigo mesmo, em se manter fiel a si em um mundo que o tempo todo tenta empurrar o sujeito de volta aquilo que considera “normal”, Eros diz que “não é uma área tão bem resolvida (sua feminilidade), tem períodos que lido muito bem e fico orgulhoso, mas as vezes tenho medo e vergonha”, enquanto que Diego fala que teve que se tornar mais “padrão” ao longo dos anos.

Pocahy (2007) aponta que a um jeito de alcançar a liberdade é pelo reinventar de si mesmo e também pela negação de classificações limitantes, de cunho moral e até de viés medicalizante em relação ao corpo, desejo e prazer. Para este autor isso só é possível quando se renuncia a naturalização das ideias determinantes no complexo “corpo-gênero-sexualidade, no binarismo de corpo e gênero e se refutarmos a banalização da violência expressa em atos, teorias e concepções heterossexistas homofóbicas” (Pocahy, 2007, p. 10). De forma semelhante, Rios (2007) coloca que para ultrapassar a homofobia se deve ter a destruição do binômio hétero/homossexual, já que a homofobia seria uma forma de ressaltar a

heterossexualidade pela aversão e combate à homossexualidade, e nesse sentido, segundo o pensamento normativo, quanto mais afeminado, mais gay, logo maior a ameaça a heterossexualidade e a heteronormatividade. Assim, para o autor, “para atacar a homofobia em suas raízes, é preciso suplantar a heterossexualidade e a homossexualidade como identidades sexuais” (p. 37).

Considerações Finais

Esta pesquisa permitiu compreender algumas construções de sentido sobre os gays afeminados. Assim, a análise permitiu identificar as diferentes expressões e afirmações das masculinidades femininas, desde a infância até a vida adulta. Além disso, permitiu entender como as famílias desempenham um papel nessa feminilidade, seja com tentativas de controle (por vezes sucedidas, por vezes falhas) ou por meio de incentivo. Trouxe também para o foco as circunstâncias dos relacionamentos afetivo-sexuais, delimitadas por uma margem de quem os merece e quem não. E, por fim, rastrear as violências impostas a esses sujeitos e de que forma, em meio a isso, eles resistem e continuam a se afirmar no mundo.

Essa pesquisa teve como base uma comunidade de gays afeminados no interior de Minas Gerais, todos de classe média, universitários e entre os 20 a 24 anos. Sendo assim, se ocupou de um perfil de entrevistados muito específico, delimitando um recorte social particular. Além disso, a análise privilegiou os aspectos identitários, os relacionamentos familiares e afetivo-sexuais. Assim, é necessário explorar as vivências do sujeito gay afeminado junto a grupos caracterizados por outros recortes sociais, bem como, investigar questões como o mundo do trabalho e outras formas de sociabilidade.

Referências

- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.
- DA SILVA, Guilherme Henrique Gomes; POWELL, Arthur B. Microagressões no ensino superior nas vias da educação matemática. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática Perspectivas Socioculturales de la Educación Matemática**, v. 9, n. 3, p. 44-76, 2016.
- DE MOURA, Renan Gomes; NASCIMENTO, Rejane Prevot; BARROS, Denise Franca. O problema não é ser gay, é ser feminino: O gay afeminado e as organizações. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 4, n. 11, p. 1478-1541, 2017.
- FERREIRA, Cristiano Cavalcante; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. Vivências escolares de jovens homossexuais afeminados: estratégias de resistência e permanência. **Tópicos Educacionais**, v. 21, n. 2, p. 103-138, 2015.
- LOPEZ CALVO DE FEIJOO, Ana María; MOREIRA PROTASIO, Myriam. Identidad y diferencia: de la Filosofía a la Psicología. **Psicología desde el Caribe**, v. 31, n. 3, p. 531-556, 2014.
- POCAHY, Fernando. Um mundo de injúrias e outras violações. Reflexões sobre a violência heterossexista e homofóbica a partir da experiência do CRDH–Rompa o Silêncio. **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**, p. 10-26, 2007.
- REIS, Cristina d'Ávila; PARAÍSO, Marlucy Alves. Normas de gênero em um currículo escolar: a produção dicotômica de corpos e posições de sujeito meninos-alunos. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, p. 237-256, 2014.
- RIOS, Roger Raupp. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**, p. 27-48, 2007.
- ROSA, Alexandre Reis; TURETA, César; DE BRITO, Mozar José. Práticas discursivas e produção de sentidos nos estudos organizacionais: a contribuição do construcionismo social. **Contextus–Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 4, n. 1, p. 41-52, 2006.
- SARAIVA, Luiz Alex Silva; SANTOS, Leonardo Tadeu dos; PEREIRA, Jefferson Rodrigues. Heteronormatividade, masculinidade e preconceito em aplicativos de celular: o caso do Grindr em uma cidade brasileira. **BBR. Brazilian Business Review**, v. 17, p. 114-131, 2020.
- SILVA, Tarcizio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais**, p. 121, 2019.

- SOLIVA, Thiago Barcelos; SILVA JUNIOR, João Batista da. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 17, p. 124-148, 2014.
- SOUZA, Eloisio Moulin de; PEREIRA, Severino Joaquim Nunes. (Re) produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, p. 76-105, 2013.
- WIIK, Flavio Braune. Os g0ys: Religião, sexualidade, gênero e identidades homoeróticas na contemporaneidade. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, 2 (2), 66-83, 2012.